

FLY2069**Carta familiar entre tio e sobrinha. Caxias.****Data**

02/12/1969

Referência Arquivística

N.A.

Arquivo Privado, Arquivo Privado, FLY2069, Fólios [1]r-v

Resumo

O autor, em carta à sobrinha, tenta influenciar a mulher a lidar melhor com a situação difícil em que está, com o marido preso, uma rutura no horizonte, as filhas a cargo, falta de dinheiro e uma saúde precária. As relações tensas entre a mulher e a sua família por afinidade também lhe parecem problemáticas. Aí, o autor tenta mostrar-se conciliador, mas tomando sempre o partido da mulher. Preocupa-o também a hipótese de ela emigrar para África, levando-lhe as filhas para longe.

Local

Caxias

Cartas relacionadas

FLY0002 FLY0008 FLY0010 FLY0011 FLY1039 FLY1040 FLY1041 FLY1042 FLY1067 FLY1116
FLY2024 FLY2025 FLY2026 FLY2027 FLY2071 FLY2074 FLY2076 FLY2077 FLY2078 FLY2438
FLY2600

Texto**Fl. [1]r**

Cadeia Caxias,

2. Dezembro, 1969

Querida [N]:

Vejo-te envolvida nisto tudo. Não sei se será uma solução optima, mas não encontro outra e vais aprendendo... Contigo sei que podemos contar, mas peço-te que não sacrifiques em demasia os teus afazeres – profissionais, sentimentais e outros que tais.

Conversamos já na visita. Pretendo agora recapitular algumas coisas, visando definir em concreto a minha posição. Peço-te o favor de dares a ler esta carta à [N] (e de a leres também). Escrevo hoje à tua mãe sobre tudo isto também.

1. Não se me afigura acertada a "teoria" de que há que não influenciar. Em 1o. lugar, todos nós nos influenciamos, mesmo com o silêncio, mesmo com a tentativa de não intervir; em 2o. lugar, deixamos necessariamente o campo aberto a outras influências e sugestões. O que julgo correcto é não forçar ou impor soluções, não empurrar; mas ajudar o próprio a determinar-se dentro de limites adequados e levemente certos.
2. Há seis meses que não falo com a [N], não conheço nem vivo inteiramente os seus conflitos e anseios. Ausente, por um lado, não-informada, [por] outro. [Esforçando-me] por perceber nas entrelinhas, mas necessariamente com uma grande margem de erro.
3. O que parece essencial é que a [N] não deixe criar em si uma ideia de beco sem saída, de conflitos insanáveis em termos normais, de circuito-fechado. Repito-lhe que pode contar comigo, com a minha compreensão, com o meu apoio. Procuo, em cada instante, penetrar nas suas hesitações e perplexidades, atingir as suas ângustias. Baralho-me, por vezes, no muito que desconheço,

mas não tanto que não permaneça a seu lado. Doi-me que se sinta isolada, incompreendida, estranha, perdida. Não há qualquer razão para isso. É forçoso fincar os pés na ideia de que é possível encontrar solução para os problemas, para o seu próprio viver. É forçoso rejeitar, d uma vez para sempre, o medo de tropeçar nas coisas, o medo de se bater pelo que quer e entende, o medo de não ser capaz. Ajudada, como os outros o são; acompanhada, como os outros o são – como os outros também, com dificuldades idênticas, os mesmos sucessos e os mesmos êxitos, conseguirá romper, impor-se, moldar a vida à sua medida.

4. O que seria altamente mau era que na cabeça da [N] se criasse a ideia de que a única solução está na ida para África ou na sua demissão de viver. Por um lado, abrir-se-ia uma situação extremamente conflituosa entre nós, que me seria completamente impossível compreender e aceitar depois do que dissemos e nos garantimos. Por outro lado, os problemas não seriam resolvidos, mas apenas transpostos para outro lugar, muito provavelmente em condições e circunstâncias mais difíceis, tornando-se-lhe quase impossível voltar atrás.

5. Em tudo isto me surge a tremenda importância de trocarmos opiniões. Não é possível fazê-lo directamente, mas é-o, mesmo se limitadamente, através de ti. O espaço principal deve dirigir-se nesse sentido, para mantermos, em quaisquer circunstâncias e através de tudo, aquela fraternidade sem máscara de que nos orgulhamos. Nenhuma tese poderá ser tão falsa, e mesmo tão dolorosa, como admitir que é necessário poupar-se, suavizar as coisas, etc. Pois não serão os ~~mei~~ meus fundamentais problemas a ausência de vida, de conhecimento, de presença, etc, etc? É uma das minhas mais caras crenças a de que nos saberemos manter sem meias-verdades, cara a cara, muito rudemente francos.

6. Nenhum ~~cof~~ conflito é soluvel fugindo-lhe, torneando-o, adiando-o. A fuga, etc não significa senão ; que, d uma forma ou d outra, somos impotentes para os resolver, que não lhe vemos, de facto, solução. Vejo e sinto, é-me quase palpável, a rectidão de contradições em que se debate, as dúvidas de sentimentos e de aspirações, os falsos orgulhos, as "realíssimas peneiras", etc, etc. Em tais condições, a possibilidade ser "empurrada" ou "atirada nesta ou naquela direcção é enorme, em todos os campos. O caminho é definir firmemente soluções correctas e indiscutivelmente válidas, ponto por ponto, problema a problema, fincando os pés e a vontade e a coragem no terreno que vai sendo conquistado. Reagir, não se justificar, não se perder também em auto-desculpas, em auto-piedadezinha.

7. Mas certos problemas são indissolúvelmente d um conjunto de pessoas, embora em diferentes graus. Quere dizer, pedem, quando não exigem, soluções comuns, uns choques inúteis, uns dramas. Isso não significa renúncia ou demissão, mas apenas **FI. [1]v** o reconhecimento que soluções válidas têm de ter em conta diferentes interesses e sentimentos, em diferentes níveis.

Por isto mesmo, discordo que não tenha havido conversa franca com meus Pais, com [N], etc. Posso compreender, mas nem por isso discordo menos. E continuo a bater-me porque o faça. Imediatamente, tal conversa teria talvez levantado discussões e atritos, mas também haveria coisas que não teriam surgido, partes que se deixavam em pé, etc; e, a longo ; prazo, estar-se-ia a caminhar para encontrar so-luções de raiz. Doi-me muito – mesmo muito – que, para além de todas as questiúnculas, não se tenha tido em conta as possíveis repercussões na saúde de minha Mãe; também me magoa que varias coisas me tenham sido silenciadas. E não percebo que não se tenha apelado para a minha ajuda, para a minha participação em problemas que afinal são meus.

78. A [N] necessita de tratar da saúde. Achei-a ainda mais magra. A [N] tem problemas cardíacos sérios; a [N] tem problemas intestinais sérios; a [N] tem problemas nervosos sérios. Estes problemas são solúveis e vale a pena resolvê-los. Mais: resolvê-los é uma base importantíssima para resolver todos os outros, para reganhar forças físicas, vencer a apatia, etc, etc. [Vai-se], muitas vezes, na tese de que "não estamos doentes, mas somos assim"; esta ideia é completamente falsa e não resiste a uma análise superficial. A própria convicção de que "apenas somos assim" é frequentemente já o fruto da doença. Ora não há dificuldade em tratar-se,

em arranjar médicos, etc, etc. Nada pode justificar que não encare de frente e com energia esta questão. Urge fazê-lo.

9. Ante a [N] coloca-se como questão central o definir-se com acerto, olhando o conjunto dos sentimentos e pessoas em jogo, mas olhando também para si-própria, com sinceridade. Que não se deixe arrastar por falsas piedadezinhas, mas também que não embarque na auto-comiseração...

No sentido de a ajudar e para que me ajude a ver claro, a compreendê-la, a apoiá-la, a ajudá-la, eis as questões que considero principais:

A – ONDE VIVER? Não vejo mais que 3 possibilidades: Porto, Lisboa, África. No Porto conhece as vantagens e os inconvenientes: há que definir com segurança uma posição e bater-se por ela. Saliento uma coisa: se concluir que não deve lá viver, então é preferível não voltar. So ^{se} [iriam] criar novas situações tensas, novos choques, etc, cada vez mais intensas, etc, muito provavelmente [azedas] questiúnculas torná-las insanáveis, etc. Em África, considero eu, para além do mais, insuportável para mim: é esse o "grande sacrifício" e o único que de todo entendo ter o direito de lhe exigir. Tenho a certeza que o compreende, conto com ela e acentuo que absolutamente nada poderá justificar uma solução unilateral e pela força (a força que só vem de eu estar preso...). Em Lisboa, conhece dificuldades e possibilidades. Uma vez que decida seguramente ficar em Lisboa, julgo que não será muito difícil ajudá-la, congregar os esforços de todos, etc, etc. Não perca perspectivas porque muitas tempestades que parecem autênticas são em copos de água. E os problemas acabarão por resolver-se.

B – EMPREGO? Parece indiscutível que não quiere "lavar os tachos": defina-se firmemente! É uma [editorial]? É publicidade? O que é exactamente? Tem que ter em conta reais possibilidades e seria desastroso que as pessoas comesçassem a admitir que faz exigências excessivas, que afinal não tem muita vontade de resolver o problema, etc. Julgo que o justo é agarrar uma possibilidade aceitável, ir ganhando experiência, mudar depois – se surgir oportunidade vantajosa – para outro melhor, etc. – O desemprego nem mesmo psicologicamente a ajuda. Não me parece, nesta base, difícil resolver a situação se for abordada e trabalhada sistematicamente. É preciso que me ajude a ver claramente o que quiere, que dificuldades se lhe levantam, que hesitações têm, etc, etc. Assim é-me difícil ir [mais] longe.

C – FILHAS? Quere ou não ter ambas consigo? Poderá ou não tê-las, dadas as reais forças e possibilidades? Que ajuda real ^{que} pode dar a Mãe? O problema tem que ser visto olhando para o interesse das miúdas, para a sua educação, etc, etc. Eu gostaria que se mantivesse com ambas. A [N] precisa de ir para uma pré-primária; a [N], a curto prazo, também. É preciso também aqui planificar as coisas e começar a dar passos numa direcção definitiva, sem desânimos.

Bato-me também para que se mantenham, e se possível estreitem, os laços com a minha família, Avós, Tios, Primos. Como? Passando lá férias, semanas, fins de semana, etc. Não compreenderia que levantasse obstáculos a que as miúdas, [...] ^{as} duas ou uma, passem temporadas no Porto, desde que daí não advenham traumatismos. É perfeitamente natural e normal. E só ajudará as miúdas a recompor-se de "velhos traumatismos" o conseguirmos que se habituem a estar sem o pai ou a mãe; o que é funda-

FI. [2]r

mental é que deixem de associar afastamento com perda, etc, etc.

Bato-me também para que se recomponham, estabilizem e normalizem as relações da [N] com "a família do pai das suas filhas". Foram questiúnculas que isoladamente nada valem, nada significam, etc e que não devem, [...] [impedir] a continuidade de laços naturais.

D – CASA – CONVÍVIO? Também aqui não sei com o que conta. Que resulta da vinda da [...] . Quanto tempo ficará cá a Mãe? Não ficando cá a Mãe poderá continuar a habitar a casa? Enfim, o que há de facto? Se [...] há, a situação actual não poderá manter-se, porque cansará as pessoas. Será impossível encontrar uma solução conjunta com alguém, sua amiga, etc evitando o "terrível" isolamento d um quarto ou d uma parte de casa alugada a alguém desconhecido? É natural, também aqui, que não seja possível realizar logo, às primeiras, a solução optima. Mas será meio caminho andado saber-se

o que se procura, em que direcção e com que perspectiva avançar.

E – NOVAS RELAÇÕES? Determinar-se tendo em conta todos – mas todos – os ângulos e todas as suas forças. Encontrar-se autêntica, sincera – eis o que é preciso. É fácil? É difícil? Não importa, é o caminho. Não se mova senão pelos seus próprios sentimentos, sem piedadezinhas, sem cedência a quaisquer pressões, com inteira franquesa e inteiro egoísmo. Quando e como considerar possível, agora, daqui por 6 meses ou 2 anos... Qualquer que seja a "saida" que encontrar saiba que não anula nem o meu apoio, nem o que lhe tenho afirmado, nem sobretudo a minha integral noção de responsabilidade pela sua vida actual. Fiz tudo quanto pude para lhe subtrair obstáculos, para lhe possibilitar a maior amplitude possível de opções e movimentos, etc, etc. Fiz disso um ponto básico e não é difícil verificar quanto me tem preocupado e qual tem sido o meu esforço. É com perfeita noção das coisas que afirmo compreendê-la; bato-me [...] o transe para que esta ou aquela definição de laços entre nós (inclusivé a total rotura) não invalide nem distorça as [conclusões] a que chegarmos nos restantes aspectos. Quero tornar-lhe claro e límpido que não considero nem imoral, nem negativo, nem patológico, etc, etc que entenda dever se compor ou recomeçar a sua vida sentimental, que considero perfeitamente normal, natural, humano e legítimo que o faça se o concluir assim. Que me dissocie inteiramente de qualquer pressão [...] dos meus familiares em sentido contrário a este e que rejeite inteiramente todos os preconceitos e "moralzinhas" que existam. E que, ainda, insisto e repito e torno a repetir que neste campo interessa muito pouco que olhe para mim ou para os meus e que olhe sobretudo e acima de tudo para si, para os seus sentimentos e para a sua vida. Se, d um ponto de vista subjectivo, pode aparecer como fundamental – e é-o, de facto – este aspecto, d um ponto de vista prático justifica-se que seja colocado em último lugar.

Como em muitas outras coisas,

é preciso começar pela ponta do novelo, pelo que é ^{de} mais resposta, e sobretudo, pelo que é básico, instante, urgente: tratar das bases materiais da sua vida. Saliento ainda que as nossas relações, hoje ou amanhã, apenas a nós os dois dizem respeito e que considero que qualquer definição que lhe dê hoje, pode mudá-la amanhã, se o entender. Isto não é propriamente um negócio em que é preciso manter, a todo o custo, a palavra dada. O que é preciso manter é a limpeza de propósitos, a lealdade e a austeridade.

10. Sugiro que pegue num lapis e num papel e comece a definir-se, com optimismo, com coragem, parcela a parcela. Deite contas às andanças necessárias, pessoas com quem tem de falar, iniciativas a tomar, etc, etc. Verá que começam a surgir-lhe perspectivas de solução, coisas que antes não vira, possibilidades novas, etc. Depois é mesmo tratar das coisas, dar mesmo os passos, andar e andar, cansar-se e cansar-se. Não se deixe vencer pelos muitos e muitos insucessos que, com certeza, sofrerá: reaja, reganhe força, recomece. A propósito de algumas coisas, costumava eu dizer-lhe, meio a sério meio a brincar, que é precisamente quando os problemas parecem insolúveis, quando parece não haver volta a dar-lhes que a solução surge. Que se trate, que se alimente bem, que se defina acertadamente, que não se poupe o esforço e que nunca perca a confiança em si própria – e o resto resolver-se-a, por acréscimo, d uma forma ou d outra.

E ainda, importantissimo: que me responda e fale comigo por teu intermedio. Estou, aliás, convencido de que também a [N] sente profundamente a necessidade de conversarmos, de me ouvir também, até porque será

FI. [2]v

sempre muito difícil, hoje ou amanhã, estar [...] tão à vontade com alguém como comigo. Certo? Então que não "engrole" o que tem a dizer, que não cale situações, dificuldades, opiniões, etc, etc.

Tudo isto estava escrito antes da visita de ontem, 2a. feira. Mantenho-o inteiramente. Quero exprimir-lhes directamente a minha opinião, dada à [N] e ao [N], sobre os problemas sobrevividos:

1. Cabe à [N] decidir todos os problemas respeitantes às miudas, inclusivé irem para o Porto ou ficarem cá. A sua separação das miudas só pode justificar-se num período curto (2 a 3 semanas), com um objectivo bem definido (tratar-se, organizar as coisas), mas dependerá sempre e em última instância da sua vontade. Ficará sempre à sua decisão o regressarem para o seu lado. A [N] garantiu-me ser [...] vontade expressa da [N] que as miudas fossem uns tempos para o Porto: só nessa base o aceitei. E faço questão – e não sossego – de que a [N] me confirme expressamente isto.
2. A ida das miudas para o Porto resolve-lhe problemas materiais (de tempo, dinheiro, alojamento, etc) e alguns psicológicos (preocupações com elas), mas criar-lhe-á simultâneamente diversos problemas emotivos e psicológicos, para ~~ret~~ si e para as miudas, cujas consequências me são imprevisíveis e muito e muito me preocupam. Afirmei-o claramente à [N] e faço questão que me afirme expressamente que lhe transmitiram esta opinião.

Defendo taxativamente que as miudas devem viver com a Mãe, fundamentalmente dependentes dela, etc, etc, mesmo que sejam mal lavadas, andem mal vestidas ou comam pior.

3. Preocupa-me muito não saber as condições materiais, psicológicas, etc em que fica. Penso que não se deve sentir nem isolada nem desajudada e nesse sentido vou escrever para [isso]. Aliás sobre todas estas questões vou escrever à tua Mãe tornando inteiramente explícito a "tragédia" que seria para todos lá, [cozinhar-se] qualquer coisa à margem da [N].

4. Não terá sentido inibir-se de aceitar a ajuda material e moral de minha família (minha, afinal), inclusivé de regressar ao Porto. Simplesmente penso que não deve, de maneira nenhuma, voltar para lá nas anteriores condições. Explico-me: por todas as razões, entendo obrigatório que não fique a tratar das coisas de casa, que se empregue, que crie centros de interesse variados e amplo convívio. Defendo ainda que, no caso de voltar, mesmo tendo trabalho, é importantíssimo procurar viver em habitação própria (mesmo que seja um quarto alugado), vivendo com as filhas (mesmo que durmam no chão). Defendo ainda mais, que é preferível viver em Lisboa.

É tudo.

Peço-te, [N], que lhe dês a ler esta carta. Repito – e lê-a tu também.

Abraça-a.

Um abraço muito amigo do tio

[N]

P.S.

P.S. A [N] perguntou-me se não temia uma possível ida da [N] com as miudas para Africa. Temo e preocupa-me muito. Corro conscientemente o risco, até porque não há outra saída senão corrê-lo. Mas eu é que, directamente ou não, não lhe subtraio as filhas. Que se trate, mas das doenças reais. Ao [N] vale a pena ir, mas a mais ninguém. Insisto terminantemente que se recuse a embarcar nessas mistelas psicanalíticas meninas-bem. O essencial é ganhar forças, trabalhar, organizar a vida, criar centros de interesse multiformes e amplos, conviver, sentir, viver. E, neste sentido, é [positivo que tenha] vindo para Lisboa.

As filhas são nossas. E se tem que viver num bairro de lata, pois que vivam. Tem todas as condições fundamentais para tratar delas e não se deixe convencer do contrário.

[N]

Contexto

prisão

Palavras Chave

Tipo: instruções

História: prisão

Sociologia: família, saúde, emprego, educação, migração

Normas de Transcrição

Transcrição quasi-paleográfica, normalizando-se apenas a fronteira de palavra. As conjeturas do editor surgem entre parênteses retos e as leituras difíceis foram assinaladas com contraste de cor. As formas emendadas nos originais manuscritos estão rasuradas com um traço sobreposto, enquanto as formas acrescentadas nos mesmos originais se transcreveram na entrelinha superior. Com o intuito de salvaguardar dados privados, as ocorrências de nomes de pessoa surgem substituídas pela letra [N], as de nome de lugar, pela letra [L] e as de outros dados, pela letra [D]. Finalmente, as cartas de acesso restrito têm reticências entre parênteses retos a assinalar texto suprimido.

Suporte Material

Suporte: duas folhas de papel de carta pautado de 30 linhas escritas em todas as faces; carimbo dos Serviços de Verificação da Cadeia de Caxias.

Medidas: 268mm × 181mm

Mancha Gráfica: uma linha em branco entre a fórmula de endereço e o início do texto.

Nota: há um rasgão no rosto do segundo fólio que impede a leitura de algumas palavras.

Créditos**Transcrição:** Mariana Gomes**Codificação DALF:** Mariana Gomes**Contextualização:** Ángel Rodríguez Gallardo

Discorda da nossa leitura? Por favor escreva-nos: cardsclul@gmail.com